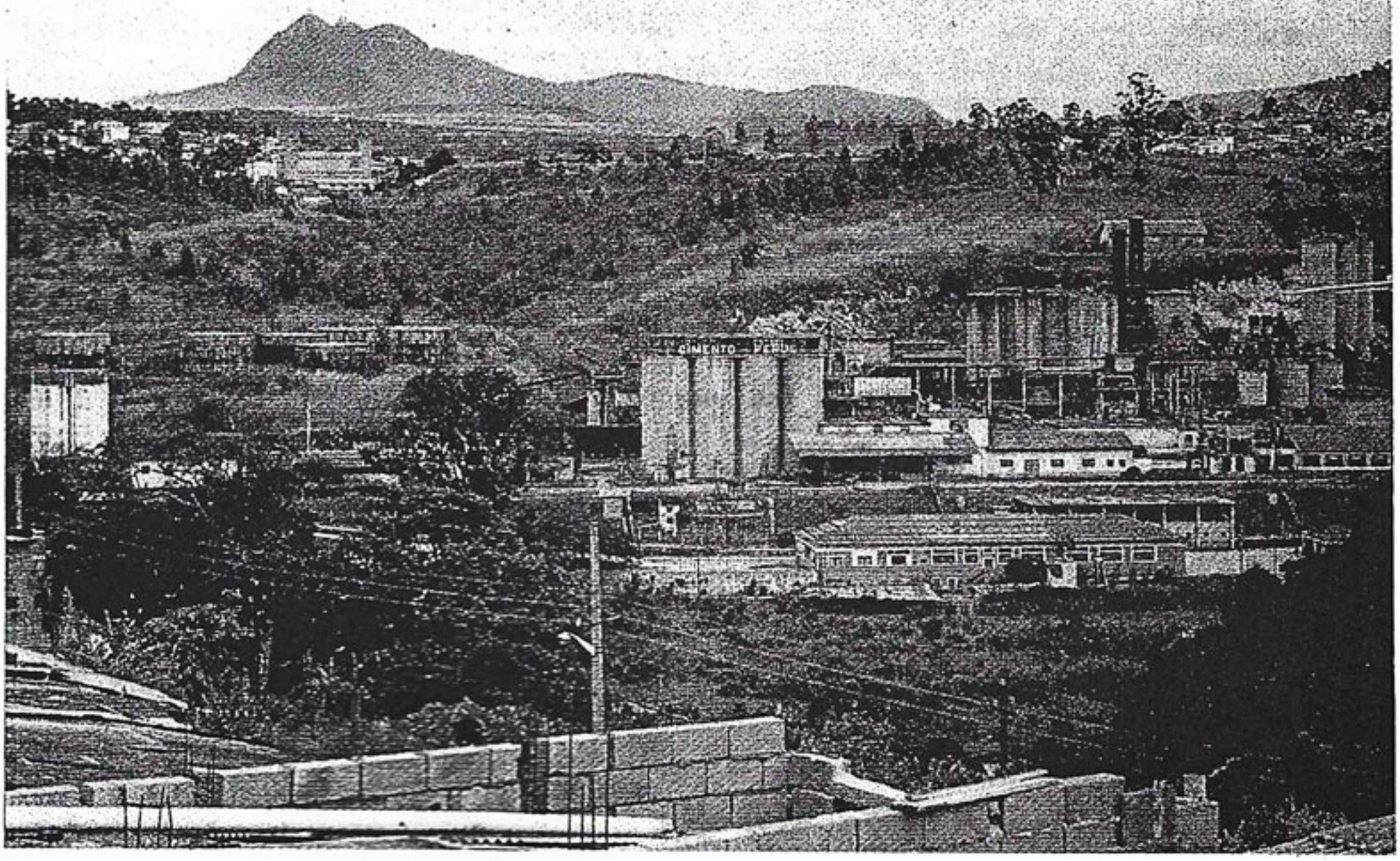
Cimento Perus

40 anos de ação sindical transformam velha fábrica em centro de cultura municipal



Coleção Cadernos para Mudar – 2

Organizador: Mário Carvalho de Jesus

O que é a não-violência

Gandhismo e não-violência

*Alceu Amoroso Lima**

Não se trata nem de um sistema filosófico individual, nem puramente hindu, nem puramente oriental, mas concordante com o mais puro pensamento oriental, de Aristóteles e Platão a Bergson e Theilhard de Chardin, através de São Paulo, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino e todo o pensamento cristão. Esse o fundamento da universalidade do gandhismo, que é também, como veremos, um dos princípios da sua concepção de vida e da sociedade humana.

(...)

O espiritualismo gandhista é de tipo essencialmente misto, no sentido agostiniano, isto é, contemplativo e ativo. E portanto essencialmente participante. Daí representar a atividade política um papel tão importante na concepção gandhista da vida. Sendo uma concepção eminentemente religiosa da vida, longe de se basear em uma separação rigorosa entre sagrado e profano, acentua a indivisibilidade substancial dos atos humanos, tanto na vida individual como social.

(...)

Gandhi via na não-violência algo que de longe transcendia aquele objetivo prático imediato da independência nacional (...) A não-violência é realmente uma filosofia de vida válida para qualquer povo, qualquer momento histórico, qualquer convicção religiosa, qualquer regime político. Essa universalidade só existe porque a não-violência é um conceito positivo e criador.

Extraído de Lima, Alceu Amoroso. Violência ou não? *Coleção Sinais do tempo nº 6, Petrópolis, Vozes, 1969, p.229-237.*

** Alceu Amoroso Lima é um dos maiores pensadores católicos brasileiros deste século. Autor de mais de 40 livros, escrevia em jornais com o pseudônimo Tristão de Athayde.*

Elementos de estratégia não-violenta

*Domingos Barbé**

Poderíamos, assim, sintetizar estes elementos de estratégia:

a) A força dos pequenos é seu grande número. O número dos pobres cresce constantemente.

b) A força dos pobres vem do lugar que ocupam na economia. Estão com as mãos sobre as ferramentas que produzem a riqueza. Se os pobres deixarem de manobrar a enxada ou de apertar o botão das máquinas, o país inteiro pára, seja qual for o poderio bélico dos ricos.

c) A fraqueza dos pobres vem da desunião e da desorganização.

Aí cabe a proposta da não-violência ativa. Como unir os pobres e fazer vacilar os adversários? Pela pureza de nosso combate. Digo pureza, pois esta é a verdade desprezada por muitos que lutam pela justiça. Sim, os homens se unem muito mais, com muito mais força e firmeza, em volta do justo perseguido e desarmado, do que em volta do chefe de guerra, ainda que essa guerra seja justa e esse chefe razoavelmente humano. A causa do justo perseguido nunca perece, porque mexe com a consciência de milhões, mas desde que se torne visível, pública, organizada. O que não pode acontecer é essa causa ficar escondida. É o medo que a esconde. Uma luta que não se declara pública e corajosamente não faz trabalho algum, pois a verdade escondida é inoperante. Não se coloca uma lâmpada debaixo da mesa, disse Jesus (Mt 5,15).

O Marechal Smuts, grande inimigo de Gandhi, na África do Sul, escreveu: "Gandhi nunca esqueceu o fundo humano da situação, nunca sucumbiu ao ódio... Devo admitir, francamente, que as suas atividades me impunham séria provação. Gandhi fez uso de uma nova técnica... O seu método consiste em infringir deliberadamente a lei e em organizar os seus seguidores num movimento de multidões".

** Domingos Barbé, padre operário francês, que veio para o Brasil na década de 60. Trabalhou como operário em Osasco, onde perdeu os dedos em um acidente de trabalho. Autor de vários livros. Co-fundador do Secretariado Nacional Justiça e Não-Violência. Faleceu em 1987, na França.*

Princípios para a ação não-violenta

A não-violência ativa supõe:

a) um treino político permanente: uma análise constante da situação política, econômica e repressiva para descobrir a réplica adequada;

b) a organização de uma força popular poderosa, a partir dos sentimentos mais nobres do homem;

c) um treino emocional permanente:
   - nunca matar;
   - jamais ferir;
   - sempre se unir;
   - sempre ficar atento;
   - não fugir (a não ser provisoriamente, taticamente);
   - não desanimar: agir com firmeza permanente;
   - saber arriscar a vida, superar o medo da morte;
   - não se esconder. A não-violência nunca pode ser clandestina; negar-se-ia a si mesma, pois toda a sua força vem da força da verdade;
   - guardar-se do ódio, orar pelos inimigos, amá-los. Purificação constante;
   - desobedecer às leis que querem destruir o povo e suas organizações. É a construção de um processo histórico que leva a um desfecho não-violento do conflito. Daí a necessidade de uma militância não-violenta, para criar as condições históricas para o surgimento desta forma de luta. Neste campo, mais do que em qualquer outro, o "espontaneísmo" não basta;

d) enfim, todo este esforço deve caminhar para uma desobediência civil maciça e organizada, se não houver outro recurso.

Extraído de: A não-violência ativa: aspectos teológicos, org. Domingos Barbé. São Paulo, Edições Paulinas, 1982, p. 43-45

Definição de não-violência

*Giuliano Pontara**

O termo Não-violência pode ser usado em duas acepções bastante diversas que convém distinguir claramente. No primeiro sentido, ele designa só um modo de agir, ou seja, um conjunto de métodos ou técnicas de luta. No segundo, ao invés, designa uma "doutrina" ou, de qualquer modo, um conjunto de idéias, conceitos, teses, teorias e propostas de estratégia política que pretende apresentar-se como tal. No primeiro caso, o termo Não-violência pertence à mesma classe do termo "violência" e a definição de um envolve a definição do outro. No segundo caso, pelo contrário, o termo Não-violência pertence à mesma classe a que pertencem termos como "marxismo", "anarquismo", "liberalismo", e dar uma definição dele é esboçar uma particular concepção ético-política. No primeiro caso será oportuno falar de Não-violência pragmática e negativa, no segundo, de Não-violência doutrinal e positiva. Em ambos os casos, a Não-violência se distingue do pacifismo, entendido como uma posição ética que rejeita a guerra, e, mais em geral, a violência física, na condução e solução dos conflitos, sobretudo dos conflitos de grupo. Entendida como doutrina, a Não-violência, na realidade, não é só uma posição ética, enquanto que, entendida como maneira de agir, não o é de modo algum, mesmo que, naturalmente, possa ser escolhida por razões éticas.

Extraído de Dicionário de política, org. Norberto Bobbio, p. 814

** Giuliano Pontara, cientista político italiano, é autor de vários livros e artigos.*

Não-violência ativa e injustiça

*Jean e Hildegard Goss**

Quando empregamos o termo "não-violência", utilizamos uma palavra que só diz "não" à violência, mas não expressa a força construtiva deste conceito. Não-violência é a tradução da palavra *a-himsa*, que Gandhi utilizou e que quer dizer lutar, comprometer-se com a justiça sem *himsa*, isto é, sem uma força destruidora do adversário, sem violências. No entanto, se rechaçamos a violência como meio de luta, temos de substituí-la por outra força. Para Gandhi, esta outra força é *satyagraha*, a força da verdade, a força da alma. Nós, cristãos, podemos acrescentar: força da justiça, força do amor. Infelizmente, esta força positiva não está expressa na palavra "não-violência". Mas, se dizemos não-violência, devemos sempre unir *a-himsa* e *satyagraha*.

Na não-violência ativa temos uma perspectiva totalmente diferente da contraviolência. Rechaçamos categoricamente a passividade e, com a mesma firmeza, a violência como meio de luta. Nós a substituímos pela força da verdade, da justiça e do amor. A perspectiva da não-violência ativa é ver, analisar a injustiça em toda a sua amplitude; lutar para vencer esta injustiça e libertar não só as suas vítimas, mas também os que são responsáveis em primeira instância; isto é, vencer a injustiça, libertar o oprimido e o opressor.

Na luta pela contraviolência, identifica-se o adversário com a injustiça que cometeu e se chega até a matá-lo para vencer a injustiça. Na não-violência ativa, pelo contrário, separamos as pessoas ou os grupos dos males que cometem. Lutamos para vencer a injustiça, para fazer com que sua existência se torne impossível, recorrendo a estratégias de não-cooperação, mas ao mesmo tempo nos comprometemos a transformar as atitudes daqueles que são responsáveis. Os malfeitores se incluem no processo de libertação. Transformando assim o mal das consciências e criando novas atitudes, é possível uma verdadeira transformação da situação de injustiça e uma reconciliação.

(...)

A luta não-violenta se situa essencialmente no plano da consciência.

** Jean Goss, ferroviário francês, participou da 2ª Guerra Mundial, após a qual convertou-se à não-violência. Casou-se com Hildegard, socióloga austríaca, e juntos são autores de vários livros, tendo introduzido a não-violência na América Latina, na década de 60. Jean faleceu em 1991, mas Hildegard prossegue sua atuação na África e na Ásia.*

Uma fé profunda e irreversível na capacidade do ser humano para abrir sua consciência é a base de todo compromisso não-violento.

(...)

Os métodos não-violentos não são utilizados por razões pragmáticas e táticas, mas como conseqüência de uma atitude ética fundamental, baseada no respeito absoluto à pessoa humana, ou seja, a atitude fundamental, os meios de luta e o objetivo perseguido são inseparáveis.

No objetivo que se persegue estão implícitos os meios de ação. Se a filosofia não-violenta não implicasse o compromisso, deveria ser rechaçada como passividade cúmplice com a injustiça. Deve-se perceber claramente que métodos não-violentos sem bases morais podem degenerar rapidamente em simples meios de pressão, o que é uma nova forma sutil de violência, que não transforma nem ao grupo comprometido nem ao adversário, no sentido de uma maior justiça.

Extraído de Goss-Mayr, Jean e Hildegard. Evangelio y lucha por la paz. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1990.

Concepção de não-violência

Jean-Marie Muller *

A não-violência é ainda uma "idéia nova na Europa". Como tal, é freqüentemente percebida através de numerosos mal-entendidos e confusões que alteram seu verdadeiro significado. Quando nós ouvimos falar de não-violência, nossa primeira reação é, na maioria das vezes, de desconfiança e ceticismo. Essa se explica pelo fato de que somos herdeiros de tradições que deram um grande e belo lugar à violência, ao passo que não deram lugar nenhum à não-violência.

A palavra não-violência nos vem de Gandhi. Ela é tradução literal da palavra sânscrita *Ahimsa* (*a*: negação e *himsa*: dano, violência). Foi muito afirmado que essa palavra era mal-escolhida, e que continha, em si mesma, numerosas ambigüidades(1). Ela tem, entretanto, a vantagem de nos obrigar a encarar as numerosas ambigüidades da violência, quando somos sempre tentados a ocultá-las, para melhor nos acomodarmos com elas.

É necessário que nós tomemos consciência do formidável condicionamento que pesa sobre nós, há séculos, e que nos faz pensar que a violência é não somente necessária, como também legítima. Mas ainda, que ela é honorável. Na maioria das vezes, quer pertença à lenda ou à história, o herói apresentado à nossa admiração é violento, de alguma maneira. Se a violência fosse realmente a virtude do homem forte, que se bate para fazer prevalecer a justiça e defender a liberdade, então a não-violência não poderia ser mais do que a fraqueza daquele que não tem coragem de ser violento.

Não é possível extrair o significado da não-violência sem antes ter precisado o significado da violência. Para isso, nós temos de distinguir aquilo que habitualmente confundimos, isto é: o conflito, a agressividade, a força e a violência propriamente dita. A violência é um processo de homicídio, que perverte radicalmente toda relação com o outro. O despertar para a não-violência se faz através do tomar consciência da violência como uma realidade totalmente contrária às exigências da razão. É, com efeito, a nossa experiência da violência no mundo que nos faz descobrir o anseio por não-violência que trazemos dentro de nós. É certo que esse anseio do espírito humano está em nós antes mesmo que nós encontremos a violência, e é ele que nos revela

** Jean Marie Muller é professor, co-responsável pela edição dos cadernos Alternatives Non Violentes. Autor de vários livros e artigos enfocando a não-violência.*

a desumanidade desta última. Mas é quando nos chocamos com a violência que nos tornamos conscientes de sua irracionalidade. O julgamento ético, ao identificar a violência como a negação do espírito humano, opõe-lhe um não categórico, e lhe recusa toda legitimidade. É essa recusa que fundamenta o conceito de não-violência.

Assim, a não-violência pertence à ordem filosófica e, em conseqüência, à ordem política. Uma filosofia que se acomoda com a violência nega-se como filosofia. O mesmo acontece com a política. A falência das ideologias dominantes está precisamente em ter legitimado a violência, em tê-la conciliado com os ideais de nossa cultura. No momento em que a violência é declarada legítima, ela se torna um direito para o homem: este poderá tomar esse direito por pretexto para a ele recorrer cada vez que conclua que a defesa de seus interesses assim lhe ordena. Quando a ideologia legitima a violência, os homens correm o risco de habituar-se à prática da violência, perdendo pouco a pouco a consciência de que ela contradiz radicalmente as aspirações mais profundas da humanidade. Dizer não à violência, ao afirmar a exigência ética da não-violência, é recusarmo-nos a reconhecer a legitimidade que a violência solicita de nós com o fim de tornar-se dona de nosso destino.

Porque a exigência ética da não-violência deve tornar-se um dos fundamentos da filosofia política que inspira nossa ação no mundo, ela nos exige que procuremos os meios de uma estratégia que nos permita assumir os inevitáveis conflitos que dividem e opõem os homens e os povos. Procurando a eficácia política por outros métodos que não os oferecidos pela violência, a estratégia da ação não-violenta pretende reconciliar a "moral de convicção" e a "moral de responsabilidade".

Nota

(1) Gandhi preferia utilizar a palavra *satyagraha* (de *satya*: verdade e *agraha*: afeição, amor), que ele mesmo tinha forjado para exprimir positivamente seu ideal. Ele explicava: "Etimologicamente a palavra significa: apegar-se à verdade, donde Força da Verdade". Mas tal expressão é, em si mesma, bastante ambígua. A verdade só pode ter uma força de persuasão; ora, na ação política, quando se trata de lutar contra as violências estruturais da desordem social, não basta recorrer a uma força de persuasão. A ação não-violenta deve então poder pôr em prática uma verdadeira força de coação, que obrigue os poderes estabelecidos a ceder. Essa força de coação não poderia ser definida como "força da verdade".

Extraído de Muller, Jean-Marie. Vocabulário da não-violência, tradução Ana Lúcia de Jesus. S.Paulo, Loyola, 1991, p.64-66.

Não-violência, covardia, amor e democracia

*Mahatma Gandhi**

A não-violência e a covardia não combinam. Posso imaginar um homem armado até os dentes que no fundo é um covarde. A posse de armas insinua um elemento de medo, se não mesmo de covardia. Mas a verdadeira não-violência é uma impossibilidade sem a posse de um destemor inflexível.

A não-violência nunca deve ser usada como um escudo para a covardia. É uma arma para os bravos.

(...)

A não-violência não existe somente se amamos aquele que nos amam. Só há não-violência quando amamos aqueles que nos odeiam. Sei como é difícil assumir essa grande lei do amor. Mas todas as coisas grandes e boas não são difíceis de realizar?

O teste maior da não-violência está no fato de não ficar qualquer rancor depois de um conflito não-violento, com os inimigos se convertendo em amigos.

(...)

A desobediência civil é o direito intrínseco de um cidadão.

Ele não pode renunciar a esse direito sem deixar de ser um homem. A desobediência civil nunca é acompanhada pela anarquia. A desobediência criminosa pode levar à anarquia. Todos os Estados reprimem a desobediência criminosa pela força. Um Estado perece, se assim não agir. Mas reprimir a desobediência civil é tentar aprisionar a consciência.

(...)

O meu conceito de democracia consiste em que, num regime democrático, os mais fracos tenham as mesmas ocasiões dos mais

** Mahatma Gandhi, nascido na Índia em 1869, de uma família de classe média, estudou direito na Inglaterra. Trabalhando na África do Sul, ao tomar contato com a discriminação racial, começou a defender os direitos humanos, nascendo daí a estratégia da não-violência, um novo modo de pensar e de fazer política. Dele disse Einstein: "Chamam-me de sábio. Eu sou um cientista que ensinou, sem querer, a destruir. Sábio é Gandhi, que ensinou a amar. "*

fortes. Isto se dará só por meio da não-violência.

(...)

Creio que a verdadeira democracia pode surgir somente da não-violência. Só é possível erguer as estruturas de uma federação mundial colocando-as sobre os alicerces da não-violência. Nas relações mundiais deve-se renunciar à violência.

(...)

A democracia e a violência juntas não se dão. As nações que hoje são democráticas de nome, ou se tornam abertamente totalitárias ou, se querem ser democráticas de verdade, devem corajosamente tornar-se não-violentas. É blasfêmia dizer que a não-violência pode ser praticada só pelos indivíduos e nunca pelas nações, que são compostas de indivíduos.

Trechos extraídos de O pensamento vivo de Gandhi, (Martin Claret Editores, 1983) e As palavras de Gandhi, org. Richard Attenborough (Record, 1983).

Raízes da não-violência no Brasil, na faixa sindical *

Mário Carvalho de Jesus

1. O grupo responsável pela fundação da Frente Nacional do Trabalho, associação civil criada em 1960, iniciou a sua ação aproximadamente 18 anos antes, pois o trabalho começou na Ação Católica(1) nos ramos da JOC e JUC(2), ao redor de 1942.

2. Os militantes da JUC, uma vez formados, continuam o contato com os militantes da JOC. O Movimento de Economia e Humanismo do Pe. Lebret influenciou todo o grupo e muitos padres assistentes da Ação Católica.

Através da assistência jurídica aos trabalhadores, fomos descobrindo que esse serviço pode ser encarado de duas formas:

a) limitar-se a resolver a questão jurídica, e manter tudo como está;

b) aproveitar-se do problema jurídico para um processo de conscientização a respeito da dignidade do homem e das estruturas que nos oprimem.

3. De 1955 a 1960, o grupo responsável pela fundação da Frente participou de vários movimentos coletivos, entre os quais as greves na Rhodia e na Tecelagem Santo André; na **Perus**, em 1958; na Usina Miranda, em 1959.

4. O sucesso daquele trabalho, inspirado no Evangelho e nos princípios de Economia e Humanismo (o livro *Princípios para Ação*, do Pe. Lebret, era manual obrigatório do militante), deu origem a uma inquietação no meio sindical, a ponto de o responsável pela seção trabalhista da *Última Hora* ter lançado um tablóide especial sobre o nosso trabalho, sob o título "Nasce uma Nova Liderança" (1958).

5. Éramos decididamente pacificadores e firmes nas atitudes. Assim, quando Jean e Hildegard Goss, do Movimento Internacional de Reconciliação, nos visitaram, em 1962, fácil foi para eles identificar, na greve em que estávamos mergulhados na **Perus**, os princípios da não-violência.

6. Nós não entendemos bem por que "não-violência" nos parecia uma expressão pobre para uma atitude que exigia muita coragem. Foi então que Jean Goss acrescentou a palavra "ativa": "não-violência-ativa".

** Publicado originalmente em 1977 no livro* A Força da Não-Violência – A Firmeza Permanente, *co-edição Loyola-Vega (2 edições).*

Atualmente, desde 1973, vimos usando a expressão: "firmeza-permanente" para identificar a não-violência.

7. Depois da fundação da Frente, em maio de 1960, a nossa ação se estendeu para outras fábricas: Cia. Melhoramentos de Papel, em Caieiras, a 35 km de São Paulo, com quase 2.000 empregados. Tivemos lá duas greves bem-sucedidas e obtivemos o primeiro contrato coletivo do trabalho em uma empresa privada. Participamos da greve da fábrica de biscoitos Aymoré, em 1960, durante 156 dias, com a vitória parcial dos trabalhadores. Conseguimos o salário-família em três empresas, antes que essa verba fosse transformada em lei: na Perus, na CICA e na Melhoramentos. Em 1968/69 demos assistência a 80 famílias em Santa Fé do Sul, a 600 km de São Paulo, levando o INCRA a vender terra para os trabalhadores.

Avaliação

1. A não-violência é feita em âmbito limitado e fica numa espécie de artesanato, girando em torno de uma ação pela justiça tendo como centro um caso concreto. Corre o risco, ainda que resolvido o caso, de o grupo "se instalar", voltando à linha passiva.

2. A principal crítica que se faz à não-violência ou firmeza-permanente está na limitação, nos pequenos casos que consegue resolver, mas sem qualquer repercussão na estrutura global.

3. Reconhecemos o fato. Naturalmente é porque a porcentagem dos que usam a não-violência é de ...000,1% no máximo. Muitos pensam que são não-violentos, pacificadores, segundo o Evangelho, mas a sua "prudência" os empurra para a linha conservadora ou passiva.

4. Para evitar os inconvenientes acima, e para sair do artesanato, precisamos da assessoria de especialistas: educadores, sociólogos, psicólogos, teólogos, economistas, advogados, jornalistas, para a elaboração de projeto político.

5. O trabalho é lento, porque a conscientização que revela a dignidade da pessoa humana, agente da História, não se faz às pressas.

6. Historicamente a não-violência renasceu com Gandhi[3], que se valeu dela para conseguir a independência da Índia; nos Estados Unidos o objetivo da não-violência era combater a discriminação racial, tendo Luther King como mártir; no Brasil, na América Latina, o objetivo inicial é pedir a aplicação das leis que estão em consonância com a Declaração Universal dos Direitos do Homem. É preciso conhecer as leis que estruturam a sociedade. Examinar as conseqüências da sua aplicação ou não aplicação.

Essa tarefa exige assessores competentes para examinarem, com o próprio povo, nas suas bases (especialmente com as comunidades de base), as leis que temos. Estas poderão ser modificadas, aperfeiçoadas ou suprimidas, conquistadas e não vindas de cima para baixo, outorgadas.

7. A eficácia da não-violência ativa, ou firmeza-permanente, é um teste para todo o cristianismo, todas as Igrejas, todas as religiões, todos os homens de boa vontade, ainda que não pratiquem religião, mas que creiam na dignidade do homem. O desafio está lançado em todo o mundo:

Ou os homens se entendem na realização da Justiça, ou a violência novamente será grande mestra na História.

Adendo

O texto acima foi redigido em 1977, mas antes deve ser registrada a criação dos Centros de Defesa dos Direitos Humanos, o primeiro deles em Osasco, com o grupo de Domingos Barbé e advogados e trabalhadores da Frente Nacional do Trabalho. A idéia nasceu em 1975, quando o Cardeal Arns comunicou em primeira mão a morte do jornalista Herzog, nas dependências do DOI-CODI, em São Paulo, a cerca de 40 participantes de um encontro nacional do grupo que iria fundar, em 1978, o Secretariado Nacional Justiça e Não-Violência. Manuel da Conceição, exilado, preso político, participou do encontro de 1975, e logo em seguida foi novamente preso, quando se encontrava na casa do Domingos Barbé em Osasco. (Pormenores no livro *A Força da Não-Violência – A Firmeza Permanente*). Hoje existem mais de 200 Centros de Defesa dos Direitos Humanos no país, mas poucos têm raízes na não-violência. Com a abertura democrática, a maioria corre o risco de cair na rotina burocrática.

Em abril de 1978, foi criado o Secretariado Nacional Justiça e Não-Violência, de natureza ecumênica, com o fim de desenvolver o método que alcançou a independência da Índia em 1947.

Em dezembro de 1980, Adolfo Pérez Esquivel recebeu o prêmio Nobel da Paz. Em seguida cria-se em cada país da América Latina o SERPAJ – Serviço Paz e Justiça, também de natureza ecumênica.

Dez princípios e distinções *

Folgamos aqui em apresentar uma declaração assinada pelo Presidente da Frente Nacional do Trabalho, Dr. Mário Carvalho de Jesus.

Homem que soube renunciar aos próprios privilégios e viver da sorte comum dos trabalhadores fraudulentamente dispensados em Perus - S. Paulo. Homem que jamais nutriu ódio nem mesmo reservas contra ninguém. Esta sua declaração nasceu das mais profundas convicções, foi consolidada pela experiência e selada por uma dedicação quase sem limites. É todo um programa, nascido no Brasil para o Brasil. Ei-la:

"As experiências que temos vivido nos últimos anos, no exercício da não-violência ativa, sobretudo junto a operários da cidade e do campo, nos permitem alinhar as seguintes observações a respeito do comportamento de pessoas violentas, dos grupos conservadores e dos poucos que começam a praticar a ação não-violenta pela justiça:

1. A atitude violenta, mesmo que seja apenas verbal, impressiona à primeira vista, porque atende ao impulso de agressividade predominante e superficial na maioria dos homens,sejam operários, intelectuais ou religiosos. Essa atitude agrada principalmente à mocidade, o que é plenamente explicável.

2. Assim, numa primeira etapa, os não-violentos e os conservadores ficam num segundo plano e suas atitudes podem se confundir diante do desprevenido observador.

3. Aos poucos, no entanto, os fatos vão demonstrando que a palavra dos violentos não apresenta o resultado anunciado ou esperado: os não-violentos, firmes na defesa da Verdade para alcançar a Justiça, vão pacientemente demonstrando que o caminho a ser percorrido é longo; os conservadores, sempre cautelosos, agindo ou deixando de agir em nome da prudência, vão se isolando e a sua única força está em bafejar o Poder. O primeiro objetivo do conservador é combater o comunismo, e não lutar pela Justiça.

4. A violência, por natureza, exige a ação clandestina de uns poucos; a ação não-violenta pela Justiça jamais trabalha na clandestinidade; os conservadores também fazem as suas reuniões secretas.

5. A violência impede, geralmente, a participação da família no processo social transformador; a ação não-violenta, ao contrário, engaja toda a família na conscientização e no exercício prático da transformação pessoal e social; a liderança conservadora freqüentemente se limita a fazer alguns pronunciamentos escritos em que pode até protestar, mas a sua atitude jamais obrigará a Autoridade a rever a sua posição. Os conservadores sabem sobretudo aplaudir ou se omitir.

6. O violento está pronto a ameaçar, a destruir, e mesmo a corromper; o não-violento está disposto a sacrificar-se até o martírio, valendo-se sempre de meios puros que nenhuma consciência normal poderá repelir; o não-violento aprende a pressionar para libertar, mas jamais calunia ou torce a Verdade. Os conservadores não se expõem, a pretexto de prudência e, muitas vezes, se valem também da corrupção.

7. A violência é impaciente. A não-violência sabe esperar e respeitar as etapas. Os conservadores sabem contemporizar ou mudar quando lhes convêm. A violência destoa da natureza humana. A atitude conservadora corrompe a natureza do homem; seu fermento é a hipocrisia.

8. A violência nasce do impulso da agressividade, da raiva, do ódio; a ação não-violenta pela Justiça é resultante do predomínio da razão sobre o instinto, alimentado pela fé no Pai comum. O conservador usa a inteligência para a manutenção dos privilégios pessoais ou do grupo.

9. Tanto os violentos como os conservadores não se sentem irmãos de todos os homens. Podem fazer tal afirmação, mas o seu comportamento é contrário à fraternidade. Os não-violentos têm absoluto respeito pela pessoa humana e assim se sentem irmãos de todos os homens.

10. A violência pode, por exceção, encontrar apoio no Evangelho e na doutrina social cristã; os conservadores podem contar com a compreensão da mensagem evangélica, mas não permanentemente, na Lei de Cristo".

** Originalmente publicado no livro de Dom Paulo Evaristo Arns: A guerra acabará se você quiser. São Paulo, Edições Paulinas, 1970, p. 91-94*

Notas

(1) Ação Católica: Pio XI e Pio XII incentivaram os católicos a ter mais influência sobre as estruturas sociais e políticas de seu tempo. A Ação Católica agrupa os católicos engajados na luta política e social (1920-1950).

(2) JOC, Juventude Operária Católica; JUC, Juventude Universitária Católica, ambas são ramos da Ação Católica.

(3) Em dezembro de 1990 foi feita uma pesquisa na USP para se saber quais os ídolos da mocidade. Foram lembrados John Lennon, Luther King, Einstein, Cristo e Gandhi. Este último, em primeiro lugar.
Evidentemente, Cristo foi muito mais que Gandhi, mas como seus representantes sacrificaram a mensagem pela alienação sofrida, os jovens se fixam em figuras mais recentes, com testemunhos irrefutáveis. Compreende-se o que Gandhi afirmava "Amo Cristo e seu Evangelho, mas não os cristãos".

A ação direta não-violenta

*Martin Luther King**

Há quatro princípios básicos em qualquer campanha não-violenta: compilação de fatos para determinar se existem injustiças; negociação; autocrítica; ação direta.

(...)

A ação direta não-violenta procura criar tensões e crises tais que a comunidade infensa à negociação seja forçada a enfrentar o problema. Procura, assim, dramatizar a questão impossível de ser ignorada. O fato de mencionar o elemento tensão, como parte do trabalho da resistência não-violenta, pode parecer um tanto chocante. Mas devo confessar que não temo a palavra "tensão". Tenho-me oposto severamente à tensão violenta; há, entretanto um tipo de tensão não-violenta, construtiva, que é necessária ao progresso. Da mesma maneira que Sócrates procurava criar um ambiente de tensão mental para que os indivíduos se libertassem do cativeiro do mito e das meias-verdades para o domínio desembaraçado da análise criadora e da avaliação objetiva, também nós vemos a necessidade de indivíduos irritantes para criarem na sociedade aquela espécie de tensão que ajudará o homem a se erguer das profundezas escuras do preconceito racista às alturas sublimes da compreensão e da fraternidade.

O objetivo do nosso programa de ação direta consiste em despertar uma situação crítica que seja capaz de conduzir, inevitavelmente, ao entendimento mútuo.

Extraído de King, Martin Luther. "Carta da prisão de Birmingham", in O Pensamento vivo de Martin L. King (org.Irineu Monteiro). São Paulo, Martin Claret Editores, 1988, p.12-16.

** Martin Luther King, pastor evangélico negro, líder das campanhas contra o racismo nos Estados Unidos, autor de vários livros e Prêmio Nobel da Paz em 1964. Foi assassinado em 1968.*

Escola dos "Queixadas"

1. *CORAGEM* para enfrentar o erro do patrão, do companheiro, ou o próprio erro. Cuidado para não agir sozinho.

2. *LEALDADE-HONESTIDADE*. Não buscar privilégios pessoais. Nunca enganar os companheiros. Ser fiel ao companheiro. Ser sempre o mesmo homem diante da verdade.

3. *JEITO*, isto é: usar a ferramenta da não-violência, que aperta, mas não mata; que diz que o patrão pode ser um ladrão, mas é um homem como você. Se você fosse o patrão, faria o mesmo no sistema capitalista. Ou pior.

4. *CONHECIMENTO*. O "Queixada" precisa se aprofundar no conhecimento, não só da profissão, como também no conhecimento das questões trabalhistas, da política, para mudarmos o sistema que aprisiona os brasileiros.

5. *A UNIÃO* aparecerá como conseqüência das exigências acima. Provaremos que, "unidos, conseguimos o que está na lei e até um pouco mais; unidos podemos mudar a lei; desunidos, não conseguimos nem o que está na lei. Unidos conseguiremos a partilha dos bens e a rotatividade no poder". Teremos uma nova sociedade.

Só a Verdade nos leva à Justiça, capaz de libertar o homem todo e todos os homens.

Publicado originalmente em 1985, no livro "A máfia do cimento" - Edições Loyola.